

Fidel: um mito com fim anunciado

por Mário Soares

1. A mensagem divulgada por Fidel de Castro, faz hoje oito dias, sobre a sua renúncia ao cargo de Presidente - e a todos os poderes civis e militares que concentrava nas suas mãos - foi inesperada quanto à forma mas não quanto ao conteúdo. Depois da doença e da operação intestinal a que foi submetido, há alguns meses, percebeu-se que escapara à morte mas que não ficara o mesmo. Daí a renúncia.

Curiosamente, o povo cubano, como noticiaram os jornais e as "agências", reagiu com estranho silêncio, senão mesmo com indiferença. Porquê? Porque desconfia que fique tudo na mesma ou, talvez, não saiba o que poderá vir a passar-se nos próximos meses, isto é: se vai haver ou não uma verdadeira transição para a democracia? A verdade é que Fidel continua vivo, onipotente, lúcido, interessado e deu mostras, na mensagem que dirigiu aos seus compatriotas, de querer pairar como o "guia espiritual" do seu povo e da Revolução, que está convencido ter feito. Com que resultados para os cubanos que vivem em Cuba, à míngua de bens de consumo elementares, e no estrangeiro, alguns bem perto, ali ao lado, em Miami?

Para já o sucessor designado pelo "guia", soberanamente, continua a ser o seu irmão Raul de Castro Ruz, ontem confirmado. O número 2 tem fama de ser um ortodoxo, Ramón Machado, de 78 anos, combatente da Sierra Maestra. Com o "guia" a anunciar que continuará a ser "um soldado da Revolução" no domínio das ideias, dando seguramente conselhos e palpites que tornará públicos, sempre que lhe aprouver, através de mensagens ou por outros meios.

É cedo, pois, para falar em transição. Embora a transição, tenha o sentido que tiver, virá a interiorizar-se, desde agora, no pensamento de todos os cubanos...

É prudente que do exterior não venham conselhos insistentes, sobretudo de americanos, europeus ou outros, com responsabilidades de poder. São contraproducentes. O Presidente Bush, com a falta de habilidade política que lhe é reconhecida, não se escusou a dar os palpites habituais, que só devem ter agradado aos mais ultras de Miami. Obama foi bem mais lúcido e comedido: falou da necessidade de levantar o bloqueio a Cuba, quanto antes, pois que esse bloqueio, curiosamente, só reforçou, paradoxalmente, o regime fidelista...

O Presidente Lula, que visitou recentemente Fidel e conversou longamente com ele - conhecendo muito bem a situação interna do país, no contexto da Ibero-América - recomendou: "Deixemos os cubanos resolver os seus assuntos, guardando-nos de dar conselhos ou, muito menos, de intervir". Palavras sábias!

Seja como for, a mensagem de Fidel de Castro, abre uma nova fase política em Cuba. Isso é incontestável. Mas como? E quando? Raul de Castro, tem 76 anos e está também bastante cansado. Através dele Fidel, o líder carismático, continuará a mandar. Mas talvez sonhe com uma transição ultra-controlada, feita ainda sob a sua direcção, embora, tomando as suas distâncias face ao exterior. Por quanto tempo? É imprevisível dizê-lo, uma vez que muito depende ainda da saúde de Fidel e do próprio Raul. E, obviamente, das eleições americanas...

Hierarquicamente, abaixo dos dois irmãos, outras personalidades se perfilam, pouco conhecidas no exterior: Carlos Lage, com 56 anos, Vice-Presidente do Conselho de Estado e chefe do Gabinete Ministerial; Ricardo Alarcón, de 71 anos, principal assessor de Fidel para as relações com os Estados Unidos e Presidente da Assembleia Nacional; Felipe Pérez Roque, o mais jovem da equipe, de 42 anos, ex-secretário particular de Fidel e ministro dos Negócios Estrangeiros; e outros mais...

Num sistema em que o secretismo é a regra - e a vontade do chefe tem sido soberana - é muito difícil fazer previsões, repito. Mas dada a situação interna de Cuba, tão difícil e carente como está - e quarenta e nove anos de férrea ditadura - há uma coisa que se pode afirmar por forma incontestável: "a história não o absolverá" como, quando era jovem, afirmou, perante os juizes-carrascos da ditadura cruel de Baptista. Porquê? Objectivamente, porque não libertou o seu povo,

como se esperaria que fizesse, quando chegou ao poder. Pelo contrário. Tirou-lhe, durante quase meio século, a liberdade, a alegria de viver e o bem estar. Para quê? No fundo, para muito pouco: para se manter no poder. Uma história muito triste: o mito não vai perdurar...

2. Morreram, no passado sábado, dois grandes angolanos, meus amigos, aos quais quero prestar uma homenagem muito sentida: Joaquim Pinto de Andrade, primeiro presidente do MPLA, irmão do grande intelectual angolano, Mário Pinto de Andrade, também do MPLA, já falecido; e Gentil Viana, um lendário combatente, formado na China, de uma inteligência vivíssima e de um carácter à prova de bala. Ambos pertenceram à chamada "Revolta Activa". O primeiro foi morrer a Luanda. E o segundo, morreu em Lisboa, seguindo o corpo para Luanda, onde, julgo, lhes farão - como merecem pela sua total dedicação à Pátria - funerais nacionais. Lembro os dois com imenso respeito e carinho. A viúva de Joaquim Pinto de Andrade, grande resistente contra o colonialismo, Victória, foi julgada e condenada no Tribunal Plenário de Lisboa, onde tive a honra de ser seu advogado de defesa. De Joaquim fui companheiro, embora em celas diferentes, na Cadeia do Aljube. De Gentil Viana, que só conheci após o 25 de Abril, em Lisboa, fui grande amigo e companheiro com grande intimidade, nos anos finais.

São estas lembranças comuns que tecem, entre as duas Pátrias irmãs, laços indestrutíveis de solidariedade e respeito recíproco.

Lisboa, 22 de Fevereiro de 2008